

O Maio de 1968 e o desporto

Na década de 60, a França não era apenas o passado, no seu sentido militar, artístico, literário, filosófico e político - era também um país que se industrializava e timbrava, com emotividade profunda, por enterrar um mundo que, aos poucos, se extinguia, ao mesmo tempo que apontava a revolução, como a "conditio sine qua non" à mudança de paradigma, em todas as áreas da vida social.

Em iracundo chinfrim, fértil em chalaça e tropos envenenados, estudantes, operários, artistas, intelectuais gritavam: "Ce n'est qu'un début, continuons le combat!". Havia, segundo todos eles, que transformar radicalmente a sociedade e a própria filosofia, já que o estruturalismo encanecera, deixara de despertar grandes emoções e o sujeito despontava, de novo, aventureiro, altivo e arremessado a todo o quadrante de recursos. A grande recusa da ordem social estabelecida, que "unidimensionalizava" as pessoas, já por ela haviam lutado os berlinenses de 1953, os húngaros e os polacos em 1956. Na capital francesa de 1968, lia-se, com avidez, a revista **Argument** dos dissidentes do PCF; e ainda a **Histoire de la Folie** de Michel Foucault e a **Critique de la raison dialectique**, de Jean-Paul Sartre. Mas, sobre o mais, a **Société du Spectacle** de Guy Debord, o **Traité du savoir vivre à l'usage des jeunes générations** de Raoul Vaneigem e **L'Homme Unidimensionnel** de Herbert Marcuse. Com forte informação ideológica, os revoltosos desdenhavam dos métodos antigos, incluindo os leninistas, e de todas as frioleiras da religião, da política, da moral institucionalizadas. Ora, um barbaréu crescente começou também a emergir do desporto. Na **Société du Spectacle**, Guy Debord, fundamentando-se nas teses de Lucaks, desenvolve a ideia da transformação da mercadoria em espectáculo, através da reificação das pessoas. A **sociedade do espectáculo** (poderíamos, hoje, dizer o mesmo) não passa de uma ditadura manhosa, acoitando sob a capa de uma linguagem balofa uma vontade imparável de manipulação e exploração. Jean Baudrillard, na revista **Le Magazine Littéraire** (Abril-Maio de 2008), diz-nos que a crítica ao espectáculo descambou, então, num tal radicalismo que a racionalidade necessária a uma crítica desaparecia no meio do espalhafato de adjectivos sem conta e sem medida...

Mas o rio da contestação seguia o seu curso e chegou, de facto, ao espectáculo desportivo. Em França... porque, em Portugal, continuava a celebrar-se um feito inédito: Portugal, no Mundial de Inglaterra, classificara-se, no terceiro lugar! Ao mesmo tempo, há 42 anos atrás, ao Eusébio consideravam-no o melhor futebolista do mundo? ele que, um ano antes, fora distinguido pela **France Football**, com a "Bola de Ouro", prémio atribuído ao melhor jogador da Europa! No Portugal de Salazar, logo um acervo de cronistas, cuja vitalidade culminava no editorial doutrinário e político, medularmente estadonovista, entrou de proclamar que a selecção nacional de futebol desfazia os equívocos dos que descobriam, em Portugal, um explorador de povos que, por força do nosso subdesenvolvimento, jaziam parados no tempo dos "Vizos-Reis". Com efeito, entre os **Magriços**, destacavam-se o Vicente, o Coluna, o Hilário e o Eusébio, africanos como os que são! Portugal era uno (garganteavam eles) do Minho a Timor - uno, acrescentemos nós, principalmente nos infortúnios, pois que a política de Salazar era de raízes profundamente presas ao integralismo reaccionário e fascizante e a um católicocentrismo que também levaria à fogueira o Giordano Bruno! "O ano de 1968 trouxe novos motivos de regozijo para os adeptos portugueses, como a presença do Benfica em mais uma final da Taça dos Campeões Europeus e a conquista da primeira "Bota de Ouro" (galardão atribuído ao melhor marcador europeu) pelo nosso futebol, graças à excelência de Eusébio" (João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, **A Paixão do Povo - história do futebol em Portugal**, Edições Afrontamento, Porto, 2002, p.480). Em França, alguns números das revistas **Partisans** e **Quel Corps?** e ainda o livro **Sport, culture et répression**, editado pela Maspéro, apresentavam uma prosa repleta dos três M (Marx, Mao e Marcuse) e também uma personalidade original, inconformada e livre, para concluir: o desporto moderno começou por ser uma prática de classe, dado que só a burguesia a podia entender como lazer ou recreação (ao proletário, que sobrevivia num quase anonimato, só o trabalho se lhe permitia); a constituição do desporto mundial é concomitante à consolidação do imperialismo (a Inglaterra exportou as práticas desportivas, com as mercadorias e o material de guerra); as classificações, nos campeonatos desportivos, são a consagração da desigualdade existente na sociedade capitalista; o resultado é, por seu turno, o prestígio do quantitativo, pois que o atleta, autêntico homem-máquina, vale o que valem as suas performances; o desporto é um aparelho ideológico do Estado e adornece, por isso, os espectadores à recusa da sociedade injusta estabelecida; no espectáculo desportivo, não há amadorismo, pois que só em regime profissional o espectáculo pode manipular e o espectador reificar-se; o desporto é um subsistema do sistema capitalista e os clubes, portanto, funcionam como firmas comerciais, em perene emulação no mercado desportivo; ao espectáculo desportivo não lhe interessam muitos praticantes, mas muitos espectadores; os escândalos que enodoam o desporto (como a corrupção, como a violência, como o doping, etc.) são meros aspectos da crise global do capitalismo, incluindo o capitalismo monopolista de Estado; o desporto de alta competição contribui à manutenção do capitalismo, reproduzindo e multiplicando as suas categorias: a competição, o rendimento, a medida, o recorde!... Entretanto, a caminho de França, milhares e milhares de Portugueses emigravam, em fuga à apagada e vil tristeza do salazarismo... As ideias de Maio de 1968 fizeram do espectáculo desportivo veículo e intérprete do capitalismo e do capitalismo monopolista de Estado. Herbert Marcuse triunfou nelas. No prefácio da sua **Razão e Revolução**, ele escreve: "Compreender a realidade significa compreender o que as coisas são, o que exige, por sua vez, a não aceitação da

sua aparência (...). Também no capitalismo a verdade é o todo e o todo é falso" ... Como acontece com o desporto! Cláudia Moura, na revista **Notícias Magazine**, de 3 de Maio de 2008, escreve, a propósito do Maio de 1968: O ministro da Juventude e Desportos, François Missoffe, após inaugurar uma piscina, no espaço universitário de Nanterre, é questionado, numa linguagem viva e buliçosa, por Daniel Cohen-Bendit, estudante de Sociologia, sobre os motivos da inauguração da piscina. O ministro mostrou-se refractário à resposta e virou as costas ao jovem rebelde. Este alteou a voz e corajosamente avançou: "A construção de um centro desportivo é um método hitleriano, destinado a canalizar a juventude para o desporto, de forma a desviá-la dos problemas reais quando, e antes do mais, é necessário garantir o equilíbrio sexual do estudante". O episódio tem a data de 8 de Janeiro de 1968 e marca a primeira contestação pública de Cohen-Bendit, contra o capitalismo, contra a sociedade de consumo, contra o feudalismo ainda vigente na universidade. Dez anos depois, Pierre Bourdieu acusava o desporto, designadamente o escolar, de "um certo anti-intelectualismo" e de acordar nos jovens mais dotados fisicamente sentimentos de intempestiva superioridade sobre os gordos, os canhestros, os deficientes. E continuava o sociólogo: "Não tenho dúvidas de que os efeitos políticos mais decisivos do desporto não resultam tanto da forma como potencia o chauvinismo e o sexismo, mas também pela divisão que estabelece entre profissionais, ou virtuosos de uma técnica esotérica, e profanos, reduzidos a mero papel de consumidores, uma divisão que tende a converter-se numa estrutura profunda da consciência colectiva" (in A.A.V.V., **Materiales de Sociologia del Deporte**, Las Ediciones de La Piqueta, Madrid, s/d, pp. 67 ss.). O Maio de 1968, no seu ácido realismo, continuava vivo, em 1978. E hoje?

Manuel Sérgio